

BETAR & ARTES & LETRAS

#176 | MAIO | 2025

Beethoven

concerto para piano nº3, com
Javier Perianes, na Gulbenkian

B|
Betar



**Desde 1973
na vanguarda
da engenharia**



Inspecções GOA nos Açores

FICHA TÉCNICA

Proprietário e Editor: **Grupo BETAR**

Sede: **Av. Elias Garcia nº 53, 2º Esq. 1000-148 Lisboa**

Direção: **José Tiago de Pina Patrício de Mendonça**

Redatora: **Cátia Teixeira**

Design: **Jonas Reker**



O mês de maio chega com muitas propostas culturais e a Artes&Letras reuniu algumas nesta edição. Na Fundação Calouste Gulbenkian, o coro residente apresenta-se à cappella e Javier Perianes brinda-nos com o “Concerto para Piano n.º 3 de Beethoven”. A Casa da Música recebe os MESA; no Campo Pequeno, os Pixies apresentam o novo álbum; a Orquestra Metropolitana de Lisboa leva o seu grupo de sopros ao Auditório da Nova; e Moritz von Oswald sobe ao palco da Culturgest para um momento de “Silêncio”.

No teatro, as sugestões são bastante variadas. Por um lado, António Fonseca declama “Os Lusíadas como nunca os ouviu”, no Mosteiro dos Jerónimos; por outro, no Campo Pequeno e no Coliseu do Porto, é tempo de vibrar com “Mama Mia”. Já no Teatro Municipal Joaquim Benite apresenta-se a peça “Kyoki”, um olhar reflexivo sobre pessoas que necessitam de cuidados e pessoas que cuidam; e ao nível da dança, o São Luiz sugere “Ou”; e no Porto são apresentadas três peças no festival Corpo+Cidade2025.

Nas artes, a Casa do Cinema Manoel de Oliveira sugere uma mostra onde o cineasta Jean-Luc Godard se apresenta enquanto artista; no Palácio Nacional da Ajuda expõem-se mais de 400 peças da Vista Alegre; e na Culturgest pode ver-se uma exposição de Susan Hiller. A não perder é também o Indie Lisboa, cuja 22ª edição regressa às principais salas de cinema da capital, para 11 dias ininterruptos de estreias nacionais e internacionais.

Nas páginas da entrevista, pode ficar a conhecer melhor o nosso parceiro Euroscut Açores, através da conversa com o Eng. Pedro Conceição.



Fábio Milhazes

editor convidado

EDITORIAL

BETAR

A equipa de especialistas da Betar tem uma vasta experiência nacional e internacional na inspeção de Obras de Arte e coordena também inspeções subaquáticas para identificação de danos



A

área de Gestão de Ativos da Betar, com o apoio do software GOA, coordena inspeções subaquáticas a Obras de Arte, através da recolha de dados e identificação de danos, que conduzem depois à elaboração de relatórios

especializados, fundamentais para ajudar os seus clientes a implementar e manter as melhores estratégias de gestão. A equipa de especialistas da Betar tem uma vasta experiência nacional e internacional na inspeção de Obras de Arte, e partilha o seu conhecimento e experiência em trabalhos com equipas multidisciplinares, por forma a adequar as intervenções a desenvolver.

Neste momento a Betar participa em projetos de investigação e inovação nas áreas de modelos preditivos, aplicação da tecnologia BIM na gestão de ativos, Inteligência Artificial aplicada ao processamento de imagem e ferramentas de Realidade Aumentada.

GOA - Inspeções Subaquáticas

Solução: Gestão de Ativos

Tipo: Pontes rodoviárias e ferroviárias

À CONVERSA COM



Eng. Pedro Conceição

“Esta é uma concessão distintiva, tem um forte pendor paisagístico, [...] o nosso ativo tem (...) estradas com 12 anos e outras com 100, [...] e outro grande desafio é a insularidade, (...) estamos sempre à distância de, pelo menos, duas semanas”

Tem mais 18 anos de experiência em operação rodoviária. Como chegou à gestão de infraestruturas de transportes e quais as suas principais funções como Gestor de Manutenção?

Terminei o curso em 2004 e estava preparado para qualquer atividade. Na altura, fui trabalhar para um empreiteiro, na zona centro do país, cuja especialidade eram Obras Públicas, na área de estradas. Estive nessa empresa cerca de 2 anos e depois concorri a uma vaga para chefe de manutenção nos Açores. Muito resumidamente, sou o responsável por todos os serviços de manutenção e vigilância. A equipa de vigilância que coordeno trabalha 24 sobre 24 horas e ainda temos o dispositivo de manutenção. A parte de recursos humanos envolve uma gestão complexa. Depois tenho o trabalho mais técnico que é o planeamento dos trabalhos, a supervisão e o acompanhamento orçamental. Sou também responsável por gerir todas as inspeções e manutenções e, em função dos resultados, desenvolver e planear os trabalhos corretivos. Faço a gestão dos equipamentos, aprovisionamento de stocks e tenho de garantir que temos sempre o ativo nas devidas condições. Costumo dizer que se o nosso trabalho for bem feito, ninguém dá por nós.

Inaugurada em 2011, a Euroscut Açores tem uma extensão de 93 quilómetros que ligam as principais localidades da ilha de S. Miguel. Quais os principais desafios e particularidades da concessão?

Esta é uma concessão distintiva, tem um forte pendor paisagístico, somos obrigados a ter muito cuidado e gastamos muitos recursos com o paisagismo. A ilha tem uma vegetação exuberante que tem de ser cuidada e controlada. O respeito pela natureza é uma prioridade, o uso de herbicidas químicos está muito condicionado e procuramos que a estrada não impacte muito com a envolvente. Depois temos outras particularidades, fazemos a gestão de um conjunto de vias muito diferentes entre si. Temos alguns quilómetros de estrada em perfil de via rápida, estradas de uma só via em cada sentido e ainda um troço de estrada de montanha com 6m de largura. O nosso ativo tem diferenças de idade muito grandes, umas estradas têm 12 anos e outras 100, e os materiais usados foram completamente diferentes, temos Passagens Hidráulicas do mais moderno que existe e outras feitas em pedra. Outro grande desafio é a insularidade, que condiciona imenso a nossa operação. A ilha não é muito grande e tem 125 mil pessoas, isto quer dizer que temos dificuldade em ter grandes fornecedores. Estamos afastados de alguns serviços mais profissionalizados, como por exemplo da Betar, que faz um trabalho altamente especializado e tem de vir do continente para nos prestar os seus serviços. O facto de vir quase tudo de fora torna as coisas mais difíceis, dispendiosas e demoradas. E é igual com os materiais. Cerca de 90% do que usamos na via vem de fora e estamos sempre à distância de, pelo menos, duas semanas,



o que nos obriga a ter muita cautela no aprovisionamento dos materiais.

E como avalia a prestação da Betar?

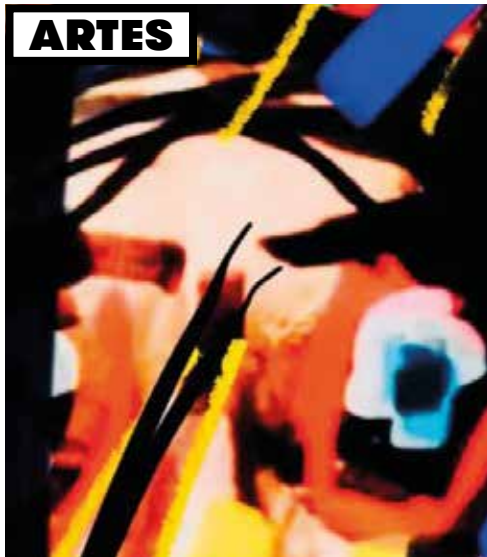
Desde sempre que a Betar é o nosso parceiro preferencial na gestão das Obras de Arte. Todas as inspeções têm sido feitas pela Betar e já adquirimos o software GOA que nos permitiu fazer um arquivo muito bom. Não se perde nenhuma informação, o que é excelente, e é possível fazer consultas muito personalizadas e extrair tudo com muita rapidez. A forma como está permanentemente a integrar as novas inspeções também é ótimo e, nesse sentido, as inspeções feitas pela Betar também nos ajudam imenso porque, quando temos de fazer intervenções, os relatórios da Betar vêm com muito detalhe e é só pegar neles e aplicar.

Quais são as suas perspetivas e desafios para o futuro?

Trabalhar nos Açores tem os seus desafios, mas é mais fácil equilibrar a vida profissional com a pessoal, porque ninguém perde 1 hora nas deslocações para o trabalho. Tudo é à escala pequena. Eu consigo percorrer a minha concessão toda num dia e é fácil sair do trabalho e

ir buscar os miúdos à escola. Quanto à empresa, o nosso ativo vai envelhecendo e torna-se mais exigente, temos de fazer investimentos maiores. Por outro lado, as alterações climáticas já se fazem sentir. As temperaturas médias têm sido superiores e a vegetação cresce mais rapidamente, o que faz com que tenhamos de aportar ainda mais recursos a esta atividade. Ocorrem também mais fenómenos extremos, como ventos fortes, o que nos levou a implementar um plano para fazer a substituição e reforço de algumas estruturas, como os pórticos de sinalização. Outra coisa que estamos a fazer é a adoção de viaturas eletrificadas na concessão. O facto da ilha ser pequena permite que a utilização de veículos elétricos possa ser equacionada sem receios, porque a autonomia aqui não é um problema. Há quase 2 anos que temos viaturas elétricas e os resultados são positivos, até porque os carros têm menos problemas mecânicos, os outros paravam um a dois meses na oficina à espera de peças. Isto para além das questões ambientais que são uma preocupação da concessão. Já temos pavimentações feitas com misturas de materiais reciclados porque temos muita sensibilidade para o tema ambiental.

ARTES



Tendo em Linha de Conto os Tempos Atuais

Pela primeira vez, apresenta-se o percurso do cineasta Jean-Luc Godard enquanto criador de imagens fixas. Grande parte das obras visuais de Godard (pinturas, desenhos, cadernos, imagens digitais e fotografias de família), nunca foram mostradas. O título da exposição, “Tendo em Linha de Conto os Tempos Atuais”, provém de um plano do filme “Guerras de Mentira” (2022). A sobreposição entre “conto” e “ter em conta” combina fabulação e exatidão, imaginação e descrição, invenção e atenção, em suma, as exigências e os recursos do cinema face ao real.

ATÉ 18 DE MAIO

Casa do Cinema Manoel de Oliveira, Porto

ARTES

Rumo ao Infinito: Vista Alegre, 200 Anos de Criatividade

Mais de 400 peças, num diálogo fluido entre passado, presente e futuro, sempre com a arte como pano de fundo, celebram as várias criações da Vista Alegre ao longo de uma existência que faz parte do coletivo nacional. São destacadas peças, mestres de pintura e escultura, experiências e decorações icónicas, que marcaram a história de muitas gerações. Uma leitura que revela uma fábrica, em muitos momentos, à frente do seu tempo, que abriu caminho para as gerações seguintes. Foram também selecionadas centenas de peças em chacota (primeira cozedura), que homenageiam todos os que dedicaram parte da sua vida à empresa. **ATÉ 31 DE MAIO**



Palácio Nacional da Ajuda

Se, nos últimos meses, o inverno lhe trouxe menos vontade de sair de casa, agora não existem desculpas. Aproveite a primavera e dedique algum tempo à cultura. Veja as nossas sugestões para este mês

ARTES



Susan Hiller

Amplamente reconhecida como pioneira na instalação e na arte multimédia, Susan Hiller foi uma das artistas mais influentes da sua geração. Durante mais de cinco décadas, a artista produziu em diversos meios, desde as pesquisas experimentais coletivas da década de 1970 à pintura, passando pela fotografia, escultura e instalações audiovisuais inovadoras.

Nesta que é a primeira exposição individual de Hiller desde o seu falecimento, estão reunidos trabalhos que exploram ideias consideradas alternativas, marginalizadas ou menosprezadas. O poder do seu trabalho assenta na apresentação de aspetos ocultos da cultura para revelar que existe algo misterioso debaixo da superfície daquilo que, à primeira vista, parece simples de compreender.

ATÉ 22 DE JUNHO

Culturgest, Lisboa

TEATRO



Os Lusíadas como nunca os ouviu

António Fonseca embarca na declamação integral da obra de Luís de Camões, verso a verso, estrofe a estrofe, canto a canto, explicitando as reverberações que o texto e o pensamento do autor renascentista provocam no aqui e no agora, no momento do dia, no momento do ontem e do anteontem, no tempo da liberdade, do fascismo e da república e da monarquia... Em 2025, ano da celebração dos 500 anos do nascimento de Luís de Camões, António Fonseca estará de regresso à programação do D. Maria II e, no canto X, será acompanhado por jovens atores.

DIA 3 DE MAIO

Mosteiro dos Jerónimos, Lisboa

TEATRO

Mama Mia

Apaixone-se pela história irresistivelmente divertida de uma mãe, uma filha e três possíveis pais numa paradisíaca ilha grega, ao som das canções de sucesso dos ABBA. Desde a sua estreia no West End, em Londres, há mais de 25 anos, este espetáculo já conquistou mais de 70 milhões de pessoas em todo o mundo, sendo um verdadeiro fenómeno internacional. A partir das canções de Benny Andersson e Björn Ulvaeus, esta grandiosa produção tem a assinatura de Mark Thompson, o texto é de Catherine Johnson, a coreografia de Anthony Van Laast e a direção musical coube a Martin Koch. **ENTRE 20 DE MAIO E 1 DE JUNHO**



Sagres Campo Pequeno Lisboa e Coliseu do Porto

TEATRO



KYOKI

Em japonês “kyoki” significa demência e refere-se a uma alteração da capacidade de recordar, pensar ou tomar decisões. É verdade que costuma surgir em pessoas com idade avançada, mas... quem é que nunca se esqueceu de onde deixou a embalagem das bolachas? Ou, por distração, vestiu a camisola do avesso?

Neste espetáculo de María Torres e Gonçalo Guerreiro é proposto um olhar cúmplice, reflexivo e sensível sobre as experiências por que passam tanto as pessoas que necessitam de cuidados, como aqueles que cuidam. Através de uma linguagem gestual baseada na manipulação de objetos e na interação constante com o dispositivo cénico, KYOKI cria um universo cómico e poético que vai do realismo à hipérbole, passado pelos episódios da vida quotidiana. **DIAS 31 DE MAIO E 1 DE JUNHO**

Teatro Municipal Joaquim Benite, Almada

MÚSICA



MESA

DIA 7 NA CASA DA MÚSICA, PORTO

A banda portuense que marcou a cena musical portuguesa na primeira década do milénio está de volta para uma celebração muito especial na sua formação original, com Mónica Ferraz e João Pedro Coimbra, tendo como ponto de partida a revisitação dos temas mais icónicos, que marcaram uma geração.

Pixies

DIA 10 NO SAGRES CAMPO PEQUENO, LISBOA

Os Pixies apresentam o novo álbum, que mistura elementos de folk, punk e ficção científica. A banda tem-se mantido mais criativa do que nunca e este novo álbum é prova disso, uma vez que reflete a contínua busca dos Pixies por inovação, enquanto se mantêm fiéis ao seu estilo icónico.



Orq. Metropolitana de Lisboa

DIA 24 AUDITÓRIO DA REITORIA DA UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA

Os sopros têm muita tradição. Haydn interessou-se pelo octeto formado por pares de oboés, clarinetes, fagotes e trompas; Jean Françaix juntou o trompete e o contrabaixo na melodia principal da Sinfonia Surpresa; e George Enescu preferira juntar duas flautas para dar expressão à influência de Bach.

Moritz von Oswald

DIA 28 NA CULTURGEST, LISBOA

Há um momento, durante “Silêncio”, onde Moritz von Oswald nos faz levar com música de outras esferas e credos, em mais uma obra-prima absoluta da sua discografia, onde um coro de 16 vozes cria corpo por entre as espirais eletrónicas de von Oswald, um maestro ímpar do éter e do sublime.



Coro Gulbenkian à cappella e Concerto para Piano n.º 3 de Beethoven

Escritas por Sergei Rachmaninov num período conturbado para a Rússia, logo após a I Guerra Mundial, as Vésperas são uma das mais belas obras corais do seu repertório. Rachmaninov compôs esta obra com uma sensibilidade e introspeção que refletiam o seu desejo de pacificar um mundo em conflito. No dia 14, Martina Batič, a nova Maestrina Titular do Coro Gulbenkian, conduzirá as vozes nesta interpretação que promete ser emotiva e transcendental. Dias 15 e 16, Javier Perianes apresenta o Concerto para Piano n.º 3 de Beethoven, em Dó menor. Sob a batuta do maestro Nuno Coelho, a Orquestra Gulbenkian também executará as vibrantes “Danças de Galanta”, de Zoltán Kodály, e a complexa e dramática Suite de “O Mandarim Maravilhoso”, de Béla Bartók, proporcionando uma noite de música intensamente emocionante. **DIAS 14, 15 E 16 DE MAIO**

Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa

DANÇA



Ou

Inhambane, cidade do sul de Moçambique voltada para o oceano Índico, é o lugar onde Vasco da Gama e sua tripulação terão chegado há mais de 500 anos, batizando-a de “Terra de Boa Gente”. Um epíteto que a cidade continua orgulhosamente a evocar. Inhambane foi e continua a ser “terra de boa gente”, sem que tamanha bondade tenha evitado torná-la colônia e outras coisas mais que os seres humanos decidiram fazer uns com os outros. Aos criadores interessa-lhes pensar a História a partir daquela paisagem, e de um pensamento cruzado que sobrepõe passado, presente, futuro.

DIAS 30 DE MAIO E 1 DE JUNHO

São Luiz Teatro Municipal, Lisboa

DANÇA

Corpo+Cidade 2025

“Arboreus” é uma nova linguagem coreográfica assente no trabalho de pesquisa que Pedro Ramos tem levado a cabo nos últimos anos. Apela a um entendimento daquilo que está presente nos ciclos da vida, daquilo que é essencial e se repete de forma renovada. “P_Z_L_S” é uma peça onde a dança e a música transcendem os limites, fundindo a expressividade das danças urbanas, com a riqueza da música tradicional portuguesa e os ritmos pulsantes do breakbeat. E “Encontros instáveis” investiga a poética do movimento corporal através do diálogo com objetos no espaço arquitetónico, criando uma sequência temporal de ações escultóricas.

ENTRE 2 E 4 DE MAIO



Parque das Águas, Parque da Pasteleira e Bairro de S. Victor, Porto

CINEMA



Indie Lisboa



22.ª edição do Festival Internacional de Cinema regressa às principais salas de cinema da capital, para 11 dias ininterruptos de cinema, dando a conhecer as últimas estreias nacionais e internacionais. Um festival eclético com mais de

250 filmes e, por isso, para todos os gostos.

O IndieLisboa é um festival generalista que preza a diversidade, e que convida à celebração do cinema dentro e fora das salas convencionais. Para esta edição regressam, entre outras, a programação noturna do IndieByNight, do filme surpresa e do IndieDate.

Na secção “Retrospectiva” o destaque vai para a cineasta Binka Jeliaskova, pioneira do cinema búlgaro, que usou a 7ª arte como ferramenta para expressar as suas lutas e desafiar o sistema. O seu talento ultrapassou fronteiras, concedendo-lhe prémios internacionais. **ENTRE 1 E 11 DE MAIO**

Cinema São Jorge,
Cinemateca Portuguesa
e Culturgest

MOÇAMBIQUE

ARTES

Multiverso de Sonhos e Visões

Fundação Fernando Leite e Couto, Maputo

O novo trabalho de Manuela Madeira (Manu) propõe a ideia de uma relação entre o corpo e os movimentos sociopolíticos para ultrapassar as barreiras que excluem os marginalizados das instituições de poder. A artista moçambicana também apresenta as mulheres como parte de um grupo de indivíduos movidos por valores e interesses que são frequentemente afetados.

As suas obras tratam de temas relacionados com a sexualidade, rituais e tradições culturais, com a ligação ao mar e os movimentos de caráter social e político que manifestam a resposta humana aos eventos de âmbito global.

ATÉ 3 DE MAIO



MÚSICA



Ciclo de Cinema Europeu

Centro Cultural Franco Moçambicano, Maputo

Organizado pela Delegação da União Europeia e Estados Membros, em parceria com o Centro Cultural Franco-Moçambicano (CCFM), o Ciclo de Cinema Europeu leva o melhor do cinema contemporâneo a Moçambique. O evento conta com a participação de 12 países, numa seleção de 14 filmes que abordam desde histórias encantadoras para crianças até reflexões sobre o clima e o meio ambiente, passando pela vivência e desafios dos jovens dos nossos tempos. Cada filme é uma janela para uma cultura diferente, uma perspetiva única que convida a explorar novos horizontes e a compreender melhor o mundo que nos rodeia. **ATÉ 8 DE MAIO**

EUROPA

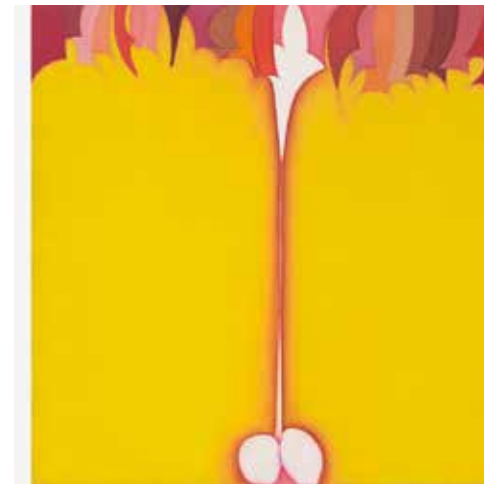
ARTES

Huguette Caland

Museu Reina Sofia, Madrid, Espanha

Esta é a primeira grande retrospectiva europeia da libanesa Huguette Caland, figura da cena artística de Beirute entre o final de 1950 e 1975, ano em que rebentou uma longa guerra civil que mudou para sempre o país. Testemunha de uma prosperidade cultural que coexistia com uma altamente inflamável tensão política, a artista fascina pelo erotismo paisagístico das suas pinturas, desenhos e esculturas, e pelo modo como indaga sobre questões de género, lar, sexualidade, pertença ou envelhecimento. A sua vida e obra desafiam as convenções estéticas e sociais do seu tempo.

ATÉ 25 DE AGOSTO



ARTES



Vhils

MUCA, Munique, Alemanha

Um museu alemão dedicado às artes urbana e contemporânea acolhe uma exposição retrospectiva do trabalho de Alexandre Farto (Vhils), naquela que é a primeira mostra a solo do artista português na Alemanha. A exposição apresenta uma seleção abrangente das obras das últimas duas décadas que mostram o desenvolvimento do seu estilo artístico inconfundível por meio de uma ampla gama de materiais, técnicas e abordagens conceptuais.

Vhils é reconhecido internacionalmente pela sua abordagem única à arte urbana, que investiga as multicamadas das cidades e das pessoas que as habitam.

ATÉ 30 DE NOVEMBRO

PARA LER



A escolha de Karla Nick Harkaway

Corre a primavera de 1963 e George Smiley deixou o Circus. Com os destroços da guerra de espionagem do Ocidente contra os soviéticos espalhados por toda a Europa, Smiley está apenas concentrado numa vida mais tranquila, com o casamento mais estável do que nunca. Mas um agente russo desertou nas circunstâncias mais invulgares e o homem que o mandaram matar em Londres está desaparecido. Smiley aceita com relutância Susanna, empregada do homem desaparecido, mas não tardará a ver-se embrenhado num perigoso mistério que definirá as batalhas futuras e atingirá o coração do seu maior inimigo...

Teoria Geral do Esquecimento José Eduardo Agualusa

Durante os tumultos da véspera da independência de Angola, uma mulher portuguesa, Ludovica Fernandes Mano, decide proteger-se e isolar-se no seu apartamento. Durante quase 30 anos sobrevive a custo, como uma naufraga numa ilha deserta, vendo, em redor, Luanda crescer, exultar, sofrer. Morre na Clínica Sagrada Esperança em 2010, aos 85 anos. Nesses anos, Ludovica escreve um diário, vários poemas e um conjunto de reflexões sobre esse período, além de desenhos a carvão nas paredes do apartamento. Um livro sobre os desaparecidos da guerra e do capitalismo desenfreado, num país onde o esquecimento é morte.



Japão

Em 2019 escrevi nestas páginas sobre Quioto, que foi a cidade que mais me encantou no Japão. Hoje descrevo as outras maravilhas que tive oportunidade de conhecer naquele que é, para mim, um dos países mais místicos e fascinantes do mundo. Para visitar várias cidades comprámos o Japan Rail Pass, que permite viajar em todos os comboios, incluindo o “bala” shinkansen, que por si só é uma experiência.

Começámos em Tóquio onde tudo é único, desde a loucura de Shibuya, repleta de gente e arranha-céus; do lunático bairro de lojas de jogos e mangá de Akihabara; e da zona onde os jovens japoneses se vestem de personagens animadas, em Harajuku; até à paz dos templos de Meiji Jingu ou Senso-ji, ou à elegância e luxo do bairro de Ginza. Surpreendentes são também o Tsukijie, o maior mercado de peixe do mundo, e a zona de Shimokitazawa, com casas tradicionais. Perto da capital fica Nikko, cujo complexo de templos é classificado pela UNESCO e vale muito a pena.

Seguiu-se Hiroshima, uma experiência intensa onde o Parque da Paz é o maior símbolo da história da bomba atômica. Menos “pesada” é a Ilha de Miyajima, conhecida por um torii gigante que fica nas águas da baía. Dali rumámos a Osaka, uma das mais agitadas cidades do Japão. A zona de Dotonbori é famosa pelas luzes neon, lojas e maravilhosos restaurantes de sushi e o Castelo de Osaka é muito bonito. No regresso a Tóquio ainda foi possível passar em Takayama, uma cidade localizada nas montanhas, que fica perto de aldeias típicas das regiões alpinas do Japão, como a encantadora Ogimachi.

VIAGEM

por Cátia Teixeira



DESDE 1973 NA VANGUARDA
DA ENGENHARIA



Coordenação de Inspeção Subaquática na Ponte Rio Ave